

## EDUCAÇÃO NA ENFERMAGEM: COMBATER O ESTIGMA ASSOCIADO AO TRANSTORNO MENTAL

**Resumo:** O presente estudo objetivou realizar uma revisão sistemática da literatura, norteada pela seguinte questão: existe influência das intervenções educativas na redução do estigma presente em profissionais e estudantes da área da Enfermagem, no período de 2000 a 2018. A revisão sistemática foi executada por meio de busca nas bases de dados Lilacs, Scopus, Medline, Pubmed e Scielo. Apesar da grande estabilidade que as atitudes estigmatizantes apresentam, tornando-as difíceis de serem modificadas, foi possível observar, com base nos resultados encontrados nesta revisão sistemática, transformações atitudinais associadas ao sofrimento psíquico, em discentes e profissionais de enfermagem, após intervenções educativas. Ao se considerar as pesquisas empíricas e as reflexões de teóricos sobre o assunto entende-se que os estudos nesse campo é uma estratégia de combate a estigmatização promissora e que merece ser expandida.

Descritores: Estigma Social, Transtorno Mental, Educação em Enfermagem, Pesquisa em Educação de Enfermagem.

Nursing Education: combating the stigma associated with the disorder

**Abstract:** The present study aimed to to carry out a systematic literature review, guided by the following question: is there an influence of educational skills in reducing stigma, present in nursing professionals and students, from 2000 to 2018. The systematic review was carried out by searching the databases out in the Lilacs, Scopus, Medline, Pubmed and Scielo databases. Despite the great stability that stigmatizing attitudes exhibit, becoming difficult to modify, it was possible to observe, based on the results found in this systematic review, attitudinal changes associated with psychological distress, in students and nursing professionals, after educational interventions. When considering empirical research and theoretical reflections on the subject, studies in this field are a strategy to combat stigmatization that promises and deserves to be expanded.

Descriptors: Social Stigma, Mental Disorders, Education, Enfermagem, Nursing Education Research.

Educación en enfermería: lucha contra el estigma asociado con el trastorno

**Resumen:** El presente estudio tuvo como objetivo llevar a cabo una revisión sistemática de la literatura, guiada por la siguiente pregunta: ¿existe una influencia de las restricciones educativas en la reducción del estigma presente en los profesionales y estudiantes de enfermería, de 2000 a 2018. La revisión sistemática se realizó mediante la búsqueda en las bases de datos. de datos Lilacs, Scopus, Medline, Pubmed y Scielo. A pesar de la gran estabilidad que exhiben las actitudes estigmatizantes, lo que dificulta su modificación, fue posible observar, con base en los resultados encontrados en esta revisión sistemática, los cambios de actitud asociados con el sufrimiento psicológico, estudiantes y profesionales de enfermería, después de las prácticas educativas. Al considerar la investigación empírica y las reflexiones teóricas sobre el tema, los estudios en este campo son una estrategia para combatir la estigmatización prometedor que merece ser ampliada.

Descriptores: Estigma Social, Transtornos Mentales, Educación em Enfermeira, Investigación em Educación de Enfermeira.

### Marcela dos Santos Ferreira

Enfermeira. Mestre em Educação Profissional em Saúde/ FIOCRUZ. Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/CEFET/RJ.  
E-mail: [cceccella@hotmail.com](mailto:cceccella@hotmail.com)

### Cristiane Duarte Barbosa

Enfermeira. Mestre em Enfermagem na linha de cuidar/cuidados de Enfermagem/UFRJ. Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/CEFET/RJ.  
E-mail: [crisduartebarbosa@msn.com](mailto:crisduartebarbosa@msn.com)

### Patrícia Kelly Caglia Bragança Fernandes

Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho/UERJ. Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/CEFET/RJ.  
E-mail: [patricia.fernandes@cefet-rj.br](mailto:patricia.fernandes@cefet-rj.br)

Submissão: 10/07/2020

Aprovação: 02/02/2021

Publicação: 18/04/2021

### Como citar este artigo:

Ferreira MS, Barbosa CD, Fernandes PKCB. Educação na Enfermagem: combater o estigma associado ao transtorno mental. São Paulo: Rev Recien. 2021; 11(34):110-118.

DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2021.11.34.110-118>

## Introdução

O estigma é um processo social que comumente está associado aos transtornos mentais, sendo responsável por uma queda na qualidade de vida das pessoas acometidas por tais problemas. As atitudes estigmatizantes são encontradas na população em geral, não excluindo estudantes e profissionais da saúde que ao reproduzirem na assistência essa estigmatização, torna os indivíduos, com algum sofrimento psíquico, mais vulneráveis a não ter um cuidado integral e de excelência.

O estigma é entendido como opiniões negativas atribuídas a uma pessoa ou grupos de pessoas ou quando as suas características comportamentais são vistas como diferentes as normas sociais. É uma crença sustentada por uma grande parcela da sociedade em que as pessoas com a condição estigmatizada são menos iguais ou fazem parte de um grupo inferior. Nesse contexto, o estigma é incorporado no âmbito social, para criar inferioridade<sup>1</sup>. Essa forma de representação sobre os portadores de transtornos mentais é encontrada em atitudes de alguns trabalhadores e estudantes da área da saúde.

O pessimismo relativamente ao tratamento e prognóstico e o desejo de distância social, em particular, parecem ser as atitudes estigmatizantes mais prevalentes entre os profissionais de saúde, achados aparentemente transversais a vários países e culturas<sup>2</sup>. Estudos evidenciam que os profissionais de saúde podem apresentar o mesmo estigma encontrado pela população em geral, e que o desejo de manter uma distância dos portadores de transtornos mentais não diferiu, ao comparar com o comportamento do resto da população. Como

também mostram que os usuários dos serviços de saúde ao serem marginalizados pelo processo de estigmatização tornam-se mais propensos a acabar o tratamento atual e menos dispostos a procurar tratamento no futuro<sup>1</sup>.

Apesar de serem profissionais da saúde, antes de tudo são pessoas, que desde a infância desenvolvem crenças sobre si, sobre os outros e sobre o mundo<sup>3</sup>. Essas crenças, consideradas informações que estão entre o conhecimento popular e científico, relacionam-se ao estigma durante a vida profissional, pois um dos problemas associados ao estigma é o conhecimento<sup>4</sup>.

O enfrentamento do estigma vem sendo considerado por estudiosos e instituições voltadas para o campo da saúde uma temática importante para a melhoria da promoção da saúde a pessoas portadoras de transtornos mentais. Essa preocupação demonstra que existe a necessidade de derrubar essa barreira real, de forma que facilite a prestação de cuidados a essa parcela da população. A Organização Mundial da Saúde em seu Relatório Mundial da Saúde, cujo foco é as novas concepções de saúde mental, aborda essa problemática indicando que “políticas são necessárias para assegurar o fim do estigma e da discriminação bem como a implantação da prevenção e do tratamento eficaz, com financiamento adequado<sup>5</sup>”. A partir dessa perspectiva, caminhos devem ser traçados para que esse objetivo possa ser alcançado.

Apesar das recomendações e justificativas para que o estigma seja reduzido, seu combate encontra algumas dificuldades, sendo uma delas o caráter estável e multidimensional da atitude. No entanto, sabendo que as atitudes são construções sociais

alicerçadas nos componentes crenças, sentimentos e tendência de ação e que estas se influenciam reciprocamente, significa que qualquer mudança num desses três componentes é capaz de modificar os outros, uma vez que todo o sistema é acionado quando um dos seus componentes é alterado<sup>6</sup>.

É por meio da premissa da mutabilidade da atitude que a redução do estigma é possível e justificam que propostas, que deliberam sobre mudanças nas atitudes estigmatizantes devem ser defendidas e aplicadas a grupos sociais com o intuito de melhorarem suas relações com portadores de transtornos mentais.

A partir do entendimento que atitudes estigmatizantes são consideradas, como também, um problema de conhecimento, e que este é uma das bases das crenças na sociedade infere-se que a educação pode influenciar de forma significativa na redução de tais atitudes, especialmente quando se tem ciência de que populações detentoras de maior informação apresentam uma maior tolerância e aceitação das pessoas com transtornos mentais<sup>7</sup>.

Desta forma, sabendo que o período em que o profissional se qualifica poder ser o momento de o educador em enfermagem desenvolver ações transformadoras<sup>8</sup>, entende-se que seja possível a educação na enfermagem produzir alterações nas atitudes estigmatizantes de discentes e profissionais desta área.

Com base no exposto, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma revisão sistemática da literatura, norteada pela seguinte questão: existe influência das intervenções educativas na redução do estigma presente em profissionais e estudantes da área da Enfermagem, no período de 2000 a 2018?

## Material e Método

A revisão de literatura é a busca de informações sobre um determinado tema, com a finalidade de permitir a tradução das melhores evidências científicas nas políticas, práticas e decisões no contexto da saúde e proporcionar ao leitor uma compreensão do que existe publicado sobre o assunto<sup>9</sup>.

Para atender os objetivos deste estudo, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, de acordo com critérios definidos em literatura<sup>10</sup>, e com base nos seguintes passos metodológicos: 1. Seleção da questão para a revisão; 2. Seleção da amostra; 3. Definição das características dos estudos da amostra com base em critérios de inclusão definidos pelos autores; 4. Análise e apresentação dos resultados e 5. Discussão dos resultados.

A partir da questão norteadora *existe influência das intervenções educativas na redução do estigma presente em profissionais e estudantes da área da Enfermagem*, os critérios de inclusão para definição da amostra deste estudo foram: trabalhos publicados no período de 2000 a 2018, em periódicos nacionais e internacionais; trabalhos publicados em português, inglês e espanhol; apresentações na íntegra; estudos empíricos com intervenção visando à redução do estigma relacionado ao indivíduo com sofrimento psíquico; estudos que têm como público-alvo estudantes e/ou profissionais da área da enfermagem ou estudos em que estes sujeitos estivessem presentes, mas pudessem ser analisados separadamente.

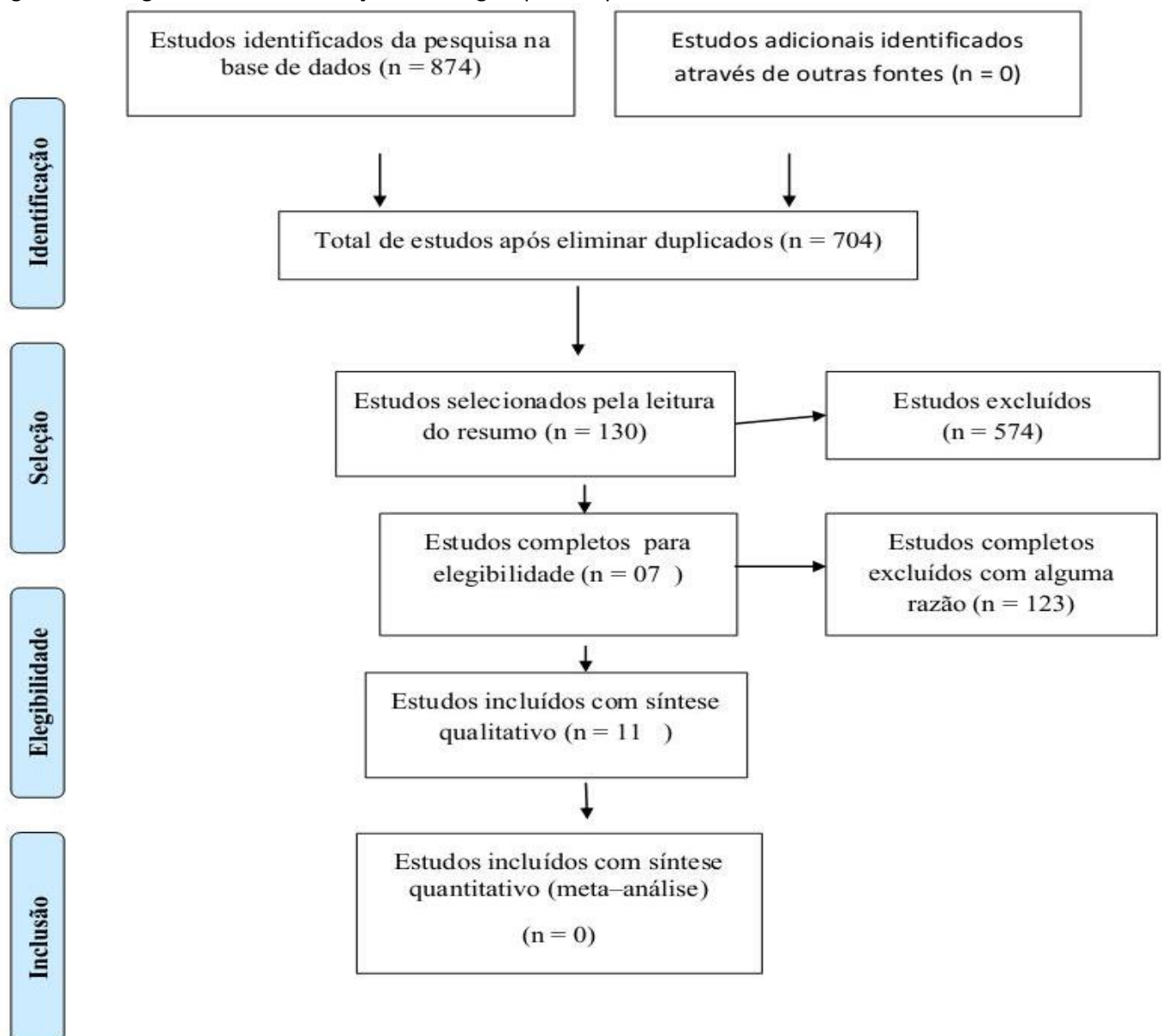
As publicações que compuseram a amostra foram encontradas nas bases de dados relacionadas Lilacs, Scopus, Medline, Pubmed e Scielo, sendo utilizado

para a busca o termo *estigma* e outros que foram cruzados a ele, utilizando o operador booleano AND com a finalidade de restringir a pesquisa aos resumos que apresentavam ao mesmo tempo os termos *estigma* e *transtorno mental*, *doença mental*, *sofrimento psíquico*, *atitude*, *educação*, *formação profissional*, *enfermagem*. Foi utilizado o dicionário de palavras de cada base, o que proporcionou as palavras-chaves indexadas adequadas para as buscas. O acesso aos periódicos internacionais e nacionais foi

obtido através do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Um total de 874 estudos foi localizado na busca inicial nas bases de dados. Após a eliminação de estudos duplicados, realizou-se a leitura de todos os títulos e resumos, seguiram-se os critérios de inclusão e, ao final, sete estudos atenderam esses critérios e foram selecionados. A síntese do processo de seleção dos artigos segundo o modelo PRISMA pode ser vista na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma Prisma de seleção dos artigos que compuseram a amostra.



## Resultados

Para otimizar a identificação de cada pesquisa selecionada, os artigos são apresentados no Quadro 1. Com relação ao ano de publicação, selecionou-se um estudo de 2001, 2003, 2004, 2009, 2011 (com dois artigos) e 2016. Já referente ao público-alvo das pesquisas, dois estudos foram feitos com só com estudantes de Enfermagem, cinco com estudantes de diversas áreas da saúde, incluindo Enfermagem, e um estudo que incluía estudantes e profissionais da área da saúde, incluindo Enfermagem.

O primeiro estudo analisado foi feito com estudantes de diversas áreas da saúde, incluindo os de Enfermagem<sup>(11)</sup>. A intervenção educacional focou no aumento da familiarização dos estudantes com indivíduos em sofrimento psíquico, por meio do contato direto com os mesmos. Os entrevistados que passaram por esta familiarização eram menos propensos a acreditar que as pessoas com esquizofrenia ou depressão maior são perigosas ou mais fracas, demonstrado por menos medo dessas pessoas, o que por sua vez foi associado a menos distância social.

O segundo estudo era composto por quatro grupos, divididos em estudantes e profissionais da saúde, incluindo os da Enfermagem, dentro e fora da área da saúde mental<sup>(12)</sup>. A priori a pesquisa já evidencia que os níveis de estigmatização são parecidos entre os diversos grupos. A educação testada pela pesquisa contemplava um treinamento antiestigma. A parcela dos sujeitos que tiveram este tipo de treinamento teve diminuição importante dos estigmas associados ao sofrimento psíquico.

O terceiro estudo avaliou quantitativamente as crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem

sobre os portadores de transtornos mentais e o efeito do ensino clínico de enfermagem de saúde mental e psiquiatria nessas crenças e atitudes<sup>(3)</sup>. A comparação dos resultados nas crenças e atitudes, antes e após o ensino clínico de enfermagem de saúde mental e psiquiatria, revela um efeito estatisticamente significativo.

O quarto estudo investigou atitudes estigmatizantes antes e depois das intervenções educacionais sobre as atitudes em relação ao transtorno mental em estudantes de diversas áreas da saúde, incluindo os da Enfermagem<sup>(13)</sup>. Algumas características educacionais desenvolvidas especificamente para a pesquisa, como participação do paciente, o cumprimento do programa, seminários de casos e palestras fizeram parte destas intervenções e influenciaram as atitudes em relação ao transtorno mental de forma positiva.

O quinto estudo examinou as mudanças nas atitudes em relação ao transtorno mental antes e após a educação teórica de Saúde Mental entre estudantes de programas universitários da área da saúde, incluindo os da Enfermagem<sup>(14)</sup>. Os dados foram coletados em duas ocasiões, antes do curso teórico e após. O resultado mostrou que as atitudes em relação ao transtorno mental em geral mudaram em uma direção menos estigmatizantes após a educação teórica. Por outro lado, as atitudes em relação aos transtornos mentais específicos não mostraram mudanças importantes.

O sexto estudo desenvolveu um programa educacional de uma hora para mudar as atitudes em relação aos transtornos mentais para estudantes de diversas áreas da saúde, incluindo os da Enfermagem, a fim de investigar os seus efeitos sobre as suas



atitudes em relação aos transtornos mentais, utilizando um estudo pré e pós-questionário<sup>(15)</sup>. Mudanças de atitude favoráveis foram observadas sugerindo que as atitudes em relação ao transtorno mental podem ser alteradas favoravelmente por esse programa.

O sétimo estudo desenvolvidos com alunos do curso de Enfermagem, traçou os perfis das atitudes

perante os transtornos mentais<sup>(16)</sup>. A pesquisa foi realizada antes da instrução acadêmica e momentos antes de receberem o grau de enfermeiros. Os resultados mostraram que os formandos apresentaram-se menos autoritários, benevolentes, restritivos e discriminadores.

**Quadro 1.** Estudos selecionados para a amostra final da revisão.

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico/ano</b>	<b>Descritores</b>	<b>Público-alvo</b>
Angermeyer; Matschinger; Corrigan.	Familiarity with mental illness and social distance from people with schizophrenia and major depression: testing a model using data from a representative population survey.	Schizophrenia Research 2004	Mental illness, schizophrenia, major depression.	Estudantes da área da saúde.
Cashwell; Smith.	Stigma and Mental Illness: Investigating Attitudes of Mental Health and Non-Mental-health Professionals and Trainees.	The Journal of Humanistic Counseling 2011	Mental health, mental health professionals, non-mental-health professionals, stigma.	Estudantes, profissionais de saúde e não profissionais de saúde.
Gil; Santos; Loureiro.	Estigma em estudantes de enfermagem: antes e depois do contato com pessoas com transtornos mentais.	Revista de Enfermagem UERJ 2016	Crenças, atitude, estudantes de enfermagem, transtornos mentais.	Estudantes de enfermagem
Gyllensten, et al.	Attitudes in Health care Students Towards Mental Illness a pie and post Multicenter University Program Survey,	Journal of Allied Health Sciences and Practice 2011	Health care students, mental illness, stigmatizing attitudes, fear, education.	Estudantes da área da saúde
Markstrom, et al.	Attitudes towards mental illness among health care students at Swedish universities,	Nurse Education Today 2009	Mental illness, stigma, clinical placement, health education, professional education.	Estudantes da área da saúde
Mino et al.	Effects of a one-hour educational program on medical Health care Students attitudes to mental illness.	Psychiatry and Clinical Neurosciences 2001	Attitudes towards mental illness, education, mental health, program, psychiatric services, stigma.	Estudantes da área da saúde
Pedraño, et al.	Atitudes frente à doença mental: estudo comparativo entre ingressantes e formandos em enfermagem.	Revista Medicina Ribeirão Preto 2003	Atitudes, estudantes de enfermagem, educação em enfermagem, enfermagem psiquiátrica.	Estudantes de enfermagem

## Discussão

Baseado nos estudos selecionados e analisados nesta revisão, a educação pode ser vista como estratégia para enfrentamento do estigma associado ao sofrimento psíquico ao trazer resultados positivos. Todavia, é um campo ainda com poucas pesquisas que

ajudem a comprovar a eficácia de tal ação, evidenciado pela pouca quantidade de estudos que cumpriram todos os critérios de inclusão.

Importante ressaltar que, apesar do pouco volume de estudos selecionados para se afirmar a efetiva influência das intervenções educativas no

enfrentamento do estigma, todos os estudos com exceção de um, chegaram a resultados significativos quanto à mudança atitudinal frente às intervenções educativas.

Com relação ao tipo de intervenção educacional utilizado pelos estudos, quatro estudos utilizaram o próprio ensino de Saúde Mental obrigatório para a investigação, sendo que um destes sofreu alterações nas estratégias naturalistas da disciplina. Dos estudos que utilizaram a própria disciplina de Saúde mental (ou disciplina congênere) dos cursos da área da saúde, foi observado que um destes não mostrou relação da educação com mudança significativa da estigmatização dos participantes da pesquisa. Os outros estudos utilizaram a estratégia de contato com indivíduos com sofrimento psíquico, treinamento e curso rápido sobre o assunto.

Como os estudos analisados não utilizaram o mesmo método de pesquisa, os tempos de intervenção educacional foram diferentes. Foram encontradas intervenções mais curtas como os estudos que empregaram estratégias como o contato, treinamento e curso de uma hora, respectivamente, e intervenções mais longas apresentadas pelos estudos que utilizaram o próprio itinerário acadêmico dos cursos da área da saúde. Desta forma, apesar da maioria das intervenções educativas serem bem sucedidas, não se pode concluir qual melhor tempo de duração das intervenções educativas para obter resultados mais positivos.

A literatura científica já produzida sobre o assunto corrobora com o encontrado nos estudos selecionados para esta revisão e considera que a educação é uma das abordagens para a redução do estigma e, que ao ser aplicada à população, seja

composta por leigos, portadores de transtornos mentais, estudantes ou profissionais de saúde, tem como propósito “substituir mitos e a desinformação com concepções precisas sobre a natureza e a prevalência de transtornos mentais, melhorando assim a carga de conhecimento global em saúde mental<sup>17</sup>”.

Apesar desta revisão sistemática não ter conseguido escalonar as estratégias educativas presentes nos estudos selecionados, no que tange a eficácia, até por não fazer parte do objetivo do artigo, alguns autores indicam que existem as que têm um poder maior de combater crenças e atitudes estigmatizantes.

O contato com indivíduos em sofrimento psíquico como estratégia educativa de enfrentamento ao estigma, como usado em um estudo selecionado é uma ferramenta que, quando apropriada pela educação, tem como fim a redução da estigmatização dos estudantes por meio da familiarização com indivíduos que apresentam algum sofrimento psíquico, sendo considerada como a “experiência direta com o transtorno mental e pessoas com problemas psíquicos<sup>11</sup>”.

Independente da sua natureza, o contato com os membros do grupo estigmatizado é considerado como um meio efetivo para reduzir o preconceito intergrupual, considerando a estratégia mais eficaz para a melhoria de atitudes estigmatizantes<sup>18</sup>. Nessa mesma direção, além desta funcionalidade do contato, é a estratégia que mais reduz o estigma em longo prazo<sup>19</sup>.

Estudos que avaliam a influência do ensino de saúde mental nas atitudes estigmatizantes pré e pós-ensino, como vistos em alguns estudos selecionados,

mostram que a maioria é naturalista, ou seja, nenhuma intervenção foi adicionada ao que cada programa oferecia<sup>13</sup>.

As intervenções educacionais com os melhores resultados são aquelas integradas ao currículo regular<sup>4</sup>, o que remete à reflexão sobre a necessidade de incorporação da discussão do estigma no currículo como forma de determinar uma maior influência do ensino sob as atitudes de estudantes ou profissionais de saúde. Estas discussões antiestigmatizante para ter um efeito mais efetivo e ser incorporada às atitudes precisam de repetição das informações, de tempo e de uso de diferentes modos de ensino<sup>20</sup>. Este tipo de intervenção foi identificado em apenas um estudo selecionado para tal revisão.

De forma a alcançar melhores resultados, ainda se faz necessário analisar mais estudos envolvendo o tema, para obter maiores esclarecimentos e determinar quais melhores estratégias educacionais são mais efetivas quando implementadas em intervenções educacionais voltadas para o enfrentamento do estigma presente em profissionais e estudantes da área da saúde.

## Considerações Finais

Apesar da grande estabilidade que as atitudes apresentam, tornando-as difíceis de serem modificadas, foi possível observar, com base nos resultados encontrados nesta revisão sistemática, transformações atitudinais associadas ao sofrimento psíquico, em discentes e profissionais de enfermagem. Ao se considerar as pesquisas empíricas e as reflexões de teóricos sobre o assunto entende-se que os estudos nesse campo é uma estratégia de combate a estigmatização promissora e que merece ser expandida.

Importante ressaltar que não houve diferenciação significativa nos resultados finais quando se discriminava estudantes e profissionais já formados, como também entre os trabalhadores das diversas áreas da saúde.

Somente um estudo obteve resultado parcialmente divergente, pois quando analisava a estigmatização de forma específica por sofrimento psíquico, não observou resultado positivo da educação.

Como limitação desta revisão destaca-se que não foi possível realizar uma meta-análise com os estudos incluídos devido à sua heterogeneidade. Por isso, é imprescindível reforçar a necessidade dos estudos apresentarem maior homogeneidade, especialmente em termos de desenho metodológico, para melhor avaliação de tais pesquisas.

## Referências

1. Ahmedani BK. Mental health stigma: society, individuals, and the profession. *J Soc Work Values Ethics*. 2011; 8(2):2-16.
2. Oliveira S, Carolino L, Paiva A. Mental health program without stigma: effects of direct and indirect strategies on stigmatizing attitudes. *RPESM*. 2012; (8):30-7.
3. Gil IMA, Santos JCP, Loureiro LJ. Stigma among nursing students before and after contact with people with mental disorders. *Rev Enferm UERJ*. 2016; 24(1):1-7.
4. Thornicroft G, Brohan E, Kassam A, Lewis-Holmes E. Reducing stigma and discrimination: candidate interventions. *Int J Ment Health Syst*. 2008; 2(1):1-7.
5. Organização Mundial da Saúde. WHO resource book on mental health, human rights and legislation. Disponível em: <[http://www.who.int/mental\\_health/policy/Livroderecursosrevisao\\_FIN\\_AL.pdf](http://www.who.int/mental_health/policy/Livroderecursosrevisao_FIN_AL.pdf)>. Acesso em 05 nov 2016.
6. Fishbein M, Ajzen I. *Belief, Attitude, Intention and Behavior: An Introduction to Theory and*



- Research. Contemporary Sociology. SAGE Publications. 1977; 6(2):244.
7. Phelan J, et al. Psychiatric Illness and Family Stigma. Schizophrenia Bulletin. 2009; 24(1):115-126. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9502550>>. Acesso em 05 nov 2016.
8. Lucchese R, Barros S. A constituição de competências na formação e na prática do enfermeiro em saúde mental. Rev Esc Enferm USP. 2009; 43(1):152-60.
9. Polit DF, Hungler BP. Fundamentals of nursing research. 4a ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2004.
10. Ganong LH. Integrative reviews of nursing research. Res Nurs Health. 1987; 10(1):1-11.
11. Angermeyer MC, Matschinger H, Corrigan PW. Familiarity with mental illness and social distance from people with schizophrenia and major depression: testing a model using data from a representative population survey. Schizophrenia Research. 2004; 69(2):175-182.
12. Cashwell CS, Smith AL. Stigma and Mental Illness: Investigating Attitudes of Mental Health and Non-Mental-Health Professionals and Trainees. Journal Of Humanistic Counseling, Education, And Development. 2011; 49:189-202.
13. Gyllensten AL, Sevensson B, Bjorkman T, Hansson L, Leufstadius C, Bejerholm U, et al. Attitudes in healthcare students towards mental illness a pre and post multicenter university program survey. Ijahsp. 2011; 9(3):1-8.
14. Markstrom U et al. Attitudes towards mental illness among health care students at universities - A follow-up study after completed clinical placement. Nurse Education Today. 2009; 29(6):660-665.
15. Mino Y et al. Effects of a one-hour educational program on medical Healthcare Students attitudes to mental illness. Psychiatry And Clinical Neurosciences. 2001; 55(5):501-507.
16. Pedrão LJ et al. Attitudes towards mental health a comparative study between nursing freshmen and seniors. Rev Med Ribeirão Preto. 2003; 36(1):37-44.
17. Arboleda-Flórez J, Stuart H. From sin to science: fighting the stigmatization of mental illnesses. Revue Canadienne de Psychiatrie. 2012; 57(8):457-63.
18. Corrigan PW, Gelb B. Three Programs That Use Mass Approaches to Challenge the Stigma of Mental Illness. Psychiatric Services. 2006; 57(3):393-398.
19. Pimentel FA, Villares CC, Mateus MD. Strategies to combat stigma in mental health. In: Mateus MD. Mental health policies: based on the course on public mental health policies, from CAPS Professor Luiz da Rocha Cerqueira. São Paulo: Instituto de Saúde. 2013; 306-21.
20. Romano AMM, Pedrão LJ, Costa Junior ML, Miasso AI. The impact of academic training on authoritarianism displayed by nursing students towards mental illness. Rev Enferm UFPE Online. 2014; 8:1545-1552.